

Mente, corpo, imaginação e memória EM ESPINOSA

POR AMAURI FERREIRA

Para o filósofo, a mente imagina as modificações do corpo que ocorrem a todo momento — as percebe e concebe idéias a respeito. A memória seria o encadeamento dessas imagens produzidas



Distinção real entre o corpo e a mente. Este é um dos pilares do pensamento de Baruch de Espinosa (1632-1677), a partir do qual podemos dizer que não é possível estabelecer uma relação de *causalidade* entre ambos. Há, na verdade, uma conexão necessária entre os corpos, que somente produz corpos, assim como há também um encadeamento entre as idéias, que somente produz idéias. Para Espinosa, um corpo não produz uma mente ou uma idéia, assim como uma mente não produz um corpo. Mas, primeiramente, toda idéia é idéia de alguma coisa existente em ato, e não uma idéia de algo que não existe: "O que, primeiramente, constitui o ser atual da mente humana não é senão a idéia de uma coisa singular existente em ato" (*Ética*, 2, Prop. 11).

Seguindo esta idéia, a mente humana tem uma potência para conhecer o objeto ao qual está unida, que é o corpo, uma coisa singular que sofre modificações produzidas nos encontros com outros corpos. Nesse primeiro momento, não há nenhuma outra coisa singular existente em ato que a nossa mente possa perceber além do próprio corpo. Portanto, a mente humana é a *idéia do corpo*: "Segue-se disso que o homem consiste de uma mente e de um corpo, e que o corpo humano existe tal como o sentimos". (*Ética*, 2, Prop. 13, cor.).

Amauri Ferreira é filósofo e escritor. Ministra cursos, coordena grupos de estudos e desenvolve pesquisas pela Escola Nômade de Filosofia. www.escolanomade.org



A ordem é uma ilusão
construída pela mente.
A vida humana torna-se
pesada quando se
tenta, a todo momento,
corrigir a falta dessa
ordem imaginária

ILUSÕES DA VIDA, POR GEORGE FREDERICK WATTS, 1849 - ART RENEWAL INTERNATIONAL

O corpo sempre sofre afecções — ou modificações — nas misturas com outros corpos e a mente produz idéias dessas afecções. Porém, Espinosa faz uma observação importante a respeito da união da mente e do corpo: “Ninguém, entretanto, poderá compreender essa união adequadamente, ou seja, distintamente, se não conhecer, antes, adequadamente, a natureza de nosso corpo.” (*Ética*, 2, Prop.13, esc.). Isso quer dizer que o corpo tem uma grande importância nas idéias que a mente produz, já que, como o corpo sofre afecções, a mente as percebe. Mas, é importante ressaltar que o corpo e a mente são autônomos, ou seja, não há superioridade de um com relação ao outro. *Apenas há superioridade de uma mente com relação a outra mente e de um corpo com relação a outro corpo.*

Essa superioridade se define quando a potência de modificação ou transfor-

mação deste corpo (desde que não perca a sua natureza, ou seja, que não se destrua) for maior do que um outro corpo. E uma mente é superior a outra mente porque produz mais idéias, *em razão de seu corpo ter uma maior capacidade de ser modificado.* Diz Espinosa: “[...] uma idéia é superior a outra e contém mais realidade do que a outra, à medida que o objeto de uma é superior ao objeto da outra e contém mais realidade do que o objeto da outra. E, por isso, para determinar em quê a mente humana difere das outras e em quê lhes é superior, é necessário que conheçamos, como dissemos, a natureza de seu objeto, isto é, a natureza do corpo humano.” (*Ética*, 2, Prop. 13, esc.). Superioridade, para Espinosa, é sinônimo de *maior perfeição*. Todo corpo e toda mente são perfeitos, mas o que faz uma mente ser mais perfeita do que outra mente é a capacidade de uma produzir mais idéias do que a outra. Dessa forma, a mente mais perfeita *sempre* corresponde a um corpo que é mais modificado do que outro corpo: “[...] quanto mais um corpo é capaz, em

Todo corpo e toda mente são perfeitos. O que faz uma mente ser mais perfeita do que outra é a capacidade de uma produzir mais idéias do que a outra

comparação com outros, de agir simultaneamente sobre um número maior de coisas, ou de padecer simultaneamente de um número maior de coisas (1), tanto mais a sua mente é capaz, em comparação com outras, de perceber, simultaneamente, um número maior de coisas. [...] E quanto mais ações de um corpo de-



Espinosa associa

a memória ao encadeamento das imagens que a mente forma das modificações que ocorrem no corpo. Henri-Louis Bergson, filósofo francês, também relaciona memória, imagens e corpo. Na obra *Matière et Mémoire* (1896), escreve: “Tudo deve se passar portanto como se uma memória independente juntasse imagens ao longo do tempo à medida que elas se produzem, e como se nosso corpo, com aquilo que o cerca, não fosse mais que uma dessas imagens” (p. 83)



“A imaginação é algo vago pelo qual a alma padece” ESPINOSA

pendem apenas dele próprio, e quanto menos outros corpos cooperam com ele no agir, tanto mais sua mente é capaz de compreender distintamente. É por esses critérios que podemos reconhecer a superioridade de uma mente sobre as outras...” (*Ética*, 2, Prop. 13, esc.). Portanto, há total correspondência entre a mente e o corpo: uma mente ativa corresponde a um corpo ativo e uma mente passiva corresponde a um corpo passivo. É impossível haver uma mente ativa e um corpo passivo e vice-versa.

CONTATO MODIFICADOR

Os corpos distinguem-se entre si pelo movimento e pelo repouso. Um corpo em movimento será determinado ao repouso quando encontrar um outro corpo que o determine a isso; um corpo estará em repouso até encontrar um outro corpo que o determine ao movimento; um corpo em movimento altera a sua relação de movimento quando se choca com um outro corpo, etc.: “[...] um só e mesmo corpo, em razão da diferença de natureza dos corpos que o movem, é movido de diferentes maneiras, e, inversamente, corpos diferentes são movidos de diferentes maneiras por um só e mesmo corpo.” (*Ética*, 2, Prop. 13, axioma 1). Espinosa quer nos dizer que todos os corpos têm suas relações de movimento e repouso alteradas nos encontros com outros corpos, pois qualquer corpo sempre está em contato com outros corpos menores, maiores ou de diferentes naturezas. As partes do nosso corpo sempre têm relações de movimento alteradas nas misturas que elas estabelecem com as partes dos outros corpos. Isto quer dizer que as idéias que a nossa mente produz são sempre

idéias dessas afecções do corpo, isto é, são sempre *idéias inéditas e singulares*, já que os encontros de corpos sempre se dão de modo singular e inédito.

Na sua exposição sobre a natureza do corpo humano, Espinosa vai falar de corpos mais simples e de corpos compostos. Os corpos mais simples distinguem-se entre si apenas pelo movimento e pelo repouso, pela velocidade e pela lentidão. Já em relação aos corpos compostos, Espinosa nos diz: “Quando corpos quaisquer, de grandeza igual ou diferente, são forçados, por outros corpos, a se justaporem, ou se, numa outra hipótese, eles se movem, seja com o mesmo grau, seja com graus diferentes de velocidade, de maneira a transmitirem seu movimento uns aos outros segundo uma proporção definida, diremos que esses corpos estão unidos entre si, e que, juntos, compõem um só corpo ou

A consciência é reflexiva:
é a idéia da idéia das
modificações pelas
quais o corpo passa.
Temos consciência, por
exemplo, ao saber que
estamos com ódio



DAVID, POR CARAVAGGIO, 1606-07, WGA - WEB GALLERY ART



“O papel principal da memória é conservar não simplesmente as idéias, mas a sua ordem e a sua posição” DAVID HUME



indivíduo, que se distingue dos outros por essa união de corpos.” (*Ética*, 2, Prop. 13, definição do axioma 2). Portanto, o indivíduo é uma união de corpos. O corpo humano é um indivíduo, à medida que é um corpo composto por outros corpos que também são compostos e que, portanto, também são indivíduos. Todo indivíduo, então, sempre está em modificação, pois os corpos que o constituem estão sempre em relações de velocidade e lentidão diferentes.

O que faz com que um corpo composto mantenha a sua forma é a reposição de corpos de mesma natureza: quando o nosso corpo perde água, temos que regenerá-lo com água. Assim, as relações de velocidade e lentidão entre os corpos que nos constituem são conservadas quando encontramos corpos que se compõem conosco. Enquanto houver essa reposição, o indivíduo conservará a sua forma. “Se alguns dos corpos que compõem um corpo — ou seja, um indivíduo composto de

vários corpos — dele se separam e, ao mesmo tempo, outros tantos, da mesma natureza, tomam o lugar dos primeiros, o indivíduo conservará sua natureza, tal como era antes, sem qualquer mudança de forma” (*Ética*, 2, prop. 13, Lema 4). Como podemos constatar, um indivíduo pode ser afetado de muitas maneiras e, mesmo assim, conservar a sua forma. Portanto, o nosso corpo sofre, necessariamente, diversas modificações e a nossa mente é, simultane-

O encadeamento das idéias das afecções do corpo, que é um encadeamento de imagens, constitui a memória

Uma das ilusões da consciência é atribuir a uma entidade sobrenatural a intenção de produzir algo que não se consiga explicar por uma finalidade humana, como um terremoto



SHUTTERSTOCK

amente, capaz de perceber cada modificação: “[...] tudo o que acontece no corpo humano deve ser percebido pela mente” (*Ética*, 2, Prop. 14, demons.). Quanto mais modificações um corpo sofre, mais idéias são produzidas pela mente. Nesse sentido, e somente nesse sentido, podemos dizer que a mente humana é mais perfeita do que a mente de um outro ser vivo cujo corpo é composto por um número muito menor de indivíduos, por exemplo.

Neste ponto, Espinosa nos dá mais elementos que servem para compreendermos melhor o erro comum dos homens que, limitados à percepção das afecções do corpo, julgam aquilo que imaginam como efeitos de causas finais dos outros, de si mesmos ou de um po-

der sobrenatural. Espinosa nos diz que a produção das imagens ocorre nos *encontros dos corpos*, ou seja, são *impressões* que um corpo sofre no encontro com outro corpo. A mente humana passa a perceber a existência dos outros corpos *somente* através das afecções que eles produzem no seu corpo: “[...] a



Todo julgamento se dá a partir das impressões que foram causadas em nós por outros corpos. Se as modificações nos são desfavoráveis, julgamos o outro como sendo, em si, mau

mente humana percebe, juntamente com a natureza de seu corpo, a natureza de muitos outros corpos” (*Ética*, 2, Prop. 16, cor. 1). Nos encontros, sempre ocorre a produção das imagens: “[...] chamaremos de imagens das coisas as afecções do corpo humano, cujas idéias nos representam os corpos exteriores como estando presentes, embora elas não restituam as figuras das coisas” (*Ética*, 2, Prop. 17, esc.). As imagens referem-se às impressões sofridas pelos sentidos do corpo, isto é, há imagens da visão, do olfato, do paladar, da audição e do tato. Como a nossa mente tem idéias de afecções, essas idéias envolvem a natureza dos corpos exteriores ao nosso, *mas não a explicam*, pois são apenas idéias de efeitos dos outros corpos sobre o nosso, *são idéias que envolvem apenas*

imagens. Nesse primeiro momento, percebemos a existência dos corpos exteriores através das idéias das afecções: “A mente humana não percebe nenhum corpo exterior como existente em ato senão por meio das idéias das afecções de seu próprio corpo.” (*Ética*, 2, Prop. 26). E, enquanto a mente considera presentes esses corpos exteriores, *ela os imagina*. Mas a imaginação não restitui a figura do corpo exterior: imaginar um corpo que não existe mais não vai fazer com que esse corpo volte a existir, pois a presença do corpo exterior apenas é real no corpo afetado *como efeito ou imaginação*. Daí Espinosa dizer que “as idéias que temos dos corpos exteriores indicam mais o estado de nosso corpo do que a natureza dos corpos exteriores” (*Ética*, 2, Prop. 16, cor. 2).

IMAGINAÇÃO E ERRO

A imaginação não é, em si mesma, boa ou ruim — o que importa é o uso que fazemos dela. Mas nós erramos quando não encontramos as causas reais que a produzem: “[...] a mente não erra por imaginar, mas apenas enquanto é considerada como privada da idéia que exclui a existência das coisas que ela imagina como lhe estando presentes” (*Ética*, 2, Prop. 17, esc.). Ora, enquanto a nossa mente está privada do conhecimento das causas reais que produzem aquilo que ela imagina (daí o conhecimento imaginário ser, na verdade, uma privação de conhecimento), estamos inevitavelmente submetidos às ilusões da consciência. A consciência é reflexiva, ela é a idéia da idéia, isto é, a idéia da idéia de afecções. Recolhe apenas efeitos ou idéias de imagens. Temos consciência quando sabemos que sabemos, ou então, quando sabemos que desejamos, que estamos tristes, alegres, com ódio, etc. Enquanto estamos limitados à consciência, não



compreendemos como as imagens (e os afetos) são produzidas em nós.

A MEMÓRIA

O encadeamento das idéias das afecções do corpo, que é um encadeamento de imagens, constitui a *memória*. É por isso que essa memória é uma memória de *marcas*, uma vez que o que nos recordamos são sempre as impressões que o nosso corpo recebeu nos encontros com

uma ordem da natureza de acordo com a ordem da sua *memória*. Ora, a ordem da memória segue um encadeamento das afecções do corpo, isto é, a mente passa de um pensamento a outro de acordo com a sequência na qual as afecções foram produzidas. Essa ordenação das afecções do corpo caracteriza o *hábito*: “E, assim, cada um passará de um pensamento a outro, dependendo de como o hábito tiver ordenado, em seu corpo, as imagens das coisas. Com efeito, um soldado, por exemplo, ao ver os rastros de um cavalo sobre



ESPERANÇA NA PRISÃO DO DESESPERO, POR EVELYN DE MORGAN - ART RENEWAL INTERNATIONAL

Para conhecer a natureza, o homem precisa criar outras maneiras de viver, de experimentar, de modo que o hábito constitua a sua menor parte

O homem cria, pela sequência temporal de imagens que forma na mente, uma ordem natural. O desespero se instala quando surge o acaso e esta ordem imaginária é rompida

os corpos exteriores. Essa memória não explica a natureza das afecções, apenas a envolve: “Compreendemos, assim, claramente, o que é a memória. Não é, com efeito, senão uma certa concatenação de idéias, as quais envolvem a natureza das coisas exteriores ao corpo humano, e que se faz, na mente, segunda a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano.” (*Ética*, 2, Prop. 18, esc.). Como o homem submetido ao conhecimento imaginário não entende as causas reais que produzem as imagens, *acredita que há*

a areia, passará imediatamente do pensamento do cavalo para o pensamento do cavaleiro e, depois, para o pensamento da guerra, etc. Já um agricultor passará do pensamento do cavalo para o pensamento do arado, do campo, etc.” (*Ética*, Prop. 18, esc.). Mas essa ordem da memória não é a ordem da produção da natureza, porque não há produção de realidade por repetição das mesmas coisas.

Percebemos a existência do acaso quando essa ordem imaginária é rompida. Podemos, por exemplo, planejar as nossas tarefas diárias sempre a partir de um encadeamento das afecções do corpo. Mas, quando essa ordem é quebrada pelo acaso, o homem da imaginação acredita que o caos se instalou na sua vida, o que o pode levar ao desespero. Segundo sua maneira de conhecer a realidade, o acaso implica uma ausência de ordem na natureza. O efeito dis-


O corpo sempre está em contato com outros corpos de diferentes naturezas e tamanhos. Isso altera as relações de movimento de suas partes e leva a mente a produzir idéias inéditas e singulares



VENUS, CUPIDO E O TEMPO, ALEGORIA DA LUXÚRIA, POR BRONZINO AGNOLO, 1540-45. ART RENEWAL INTERNATIONAL

so não poderia ser mais nocivo: por não compreender a ordem real da natureza — uma ordem que não obedece a da sua memória –, esse indivíduo torna-se covarde e agitado, julga a vida porque o acaso rompeu com a ordem imaginária das coisas: uma ordem que lhe dava a esperança de obter segurança e tranquilidade no mundo. Mas a vida serena apenas advém de um entendimento da natureza, onde o pensamento compreende uma ordenação necessária em todo acaso. Epicuro já dizia que o conhecimento da natureza tem a única função de tornar a nossa vida feliz e tranquila.

O homem da imaginação, por ter o seu corpo já habituado a ser afetado da mesma maneira, não se permite novas experimentações com o seu corpo para que outras imagens sejam produzidas e,

simultaneamente, para que novas idéias dessas afecções sejam produzidas pela sua mente. Como já vimos, um corpo passivo (submetido ao hábito) corresponde a uma mente passiva. É evidente que o problema não é nem a memória e nem o hábito, já que são absolutamente fundamentais para a nossa vida, no que se refere ao aspecto utilitário ou prático da existência. O problema é quando a memória das marcas é utilizada para julgar a vida, para controlar racionalmente a vida, pois uma vida “desprovida” de ordem deve ser “corrigida” — assim a consciência humana, que conhece apenas efeitos, tem a pretensão de submeter aquilo que a produz... Através dessa ilusão, a vida humana conhece apenas o seu aspecto utilitário, de sobrevivência, o que a impede de entender a natureza e viver de modo livre. Não há dúvida de que, nesse caso, a existência fica pesada, transforma-se em um grande fardo, já que está submetida a uma ordem imaginária. Uma vida doente é, necessariamente, uma vida que está incapacitada de produzir novos encontros, novas maneiras do corpo ser afetado, para que novas imagens sejam produzidas. Temos as idéias — ou o conhecimento — de acordo com as modificações do nosso corpo, isto é, de acordo com a nossa maneira de viver. Para que o homem possa conhecer adequadamente a natureza é necessário, então, que ele crie outras maneiras de viver, de experimentar, de modo que o hábito constitua a sua menor parte: assim, a vida humana poderá retornar ao processo de criação de si mesma. Deste modo, o homem impotente pode passar, de fato, a pensar. 

REFERÊNCIAS

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

¹ A palavra “padecer” está no sentido do corpo sofrer paixões, de ser modificado pelos corpos exteriores, ou seja, de sofrer paixões que aumentam a sua capacidade de agir.



Para Espinosa, um indivíduo atua sobre o outro e as modificações que causa são percebidas como boas ou más, de acordo com a impressão ou imagem que se forma, favorável ou desfavorável ao indivíduo afetado. O juízo de valor seria uma ilusão da consciência, que julga a ação do indivíduo como intencional, ou seja, como se ele fosse dotado de livre-arbítrio. Posição que lembra o pensamento nietzschiano sobre o bem e o mal, vistas pelo filósofo alemão como valorações construídas pela moral dominante. Um e outro, em diferentes esferas, relativizam o bem e o mal